



nara roesler

sobre os ombros de gigantes

curadoria de **raphael fonseca**
roesler curatorial project

nara roesler | são paulo
27 de fevereiro – 8 de maio, 2021

alan adi
gabi bresola
gustavo caboco
leila danziger
randolpho lamonier (e victor galvão)
andré griffo
andréa hygino
filipe lippe
adriano machado
no martins
virginia de medeiros
marta neves
amador e jr. segurança patrimonial

Nara Roesler orgulha-se em abrir seu calendário de exposições anuais em São Paulo com a mostra *Sobre os ombros de gigantes*, coletiva com curadoria de Raphael Fonseca. A exposição faz parte do Roesler Curatorial Project, iniciativa que, desde meados de 2019, sob direção de Luis Pérez-Oramas, reafirma o compromisso da galeria com iniciativas inovadoras e experimentais, estimulando o diálogo entre diferentes agentes do circuito artístico.

Sobre os ombros de gigantes reúne artistas cuja produção investiga as relações e tensões presentes nas ideias de tempo e memória. A pluralidade do grupo de trabalhos apresentados, em diferentes linguagens e abordagens, permite uma visão ampliada sobre os temas, introduzindo ao público abordagens contemporâneas que, ainda que não totalizantes, nos possibilitam compreender como narrativas familiares e ancestrais caminham lado a lado com figuras presentes na elaboração de memórias coletivas.

No primeiro dia da exposição, sábado, 27 de fevereiro, o duo Amador e Jr. Segurança Patrimonial realizará a performance inédita *Protocolo de higienização* nos seguintes horários: 11h, 12h, 13h, 14h e 15h. Para visitar a exposição nesse e nos demais dias, por favor, agende um horário no link abaixo.

[agende sua visita](#)

alan adi

A pesquisa de Alan Adi pode se materializar em diversas mídias e formas de ocupação do espaço. Constante em seus interesses é o olhar para as formas como diferentes culturas visuais moldam certas noções de identidade cultural, regional ou mesmo nacional. Nos trabalhos aqui mostrados, o artista dá continuidade às suas pesquisas sobre as relações entre as imagens e a invenção do Nordeste a partir de dois símbolos identitários relacionados à música: a sanfona e o triângulo. Narrativas relacionadas à migração, ao preconceito muitas vezes lançado pelo Sudeste e uma singela homenagem à música popular brasileira se misturam em seus trabalhos.





gabi bresola

A relação entre imagem e palavra é um interesse central na produção de Gabi Bresola, especialmente no que diz respeito à produção de publicações. Nascida e criada em Joaçaba, interior de Santa Catarina, a artista tem pais agricultores e algumas das diferenças de suas vivências e o estranhamento que ser uma “artista visual” causa em sua família são alguns dos motores de sua pesquisa. Em *Revizão*, a artista toma anotações de palavras feitas por sua mãe e as compartilha com o público. Acostumada a revisar os textos das publicações com as quais se envolve, a artista se coloca a revisar a escrita de sua mãe e a maneira como ela maneja a língua portuguesa entre a oralidade e a escrita – o que é o “serto” e o que é o “erado”? Em outro trabalho, *Gosto do Deleuze, mas prefiro meu pai*, a artista cria conceitos filosóficos e pede que seu pai os leia. O áudio traz essa fricção entre a sabedoria de um fazer diário e esse outro saber tido como “acadêmico”. Nas entrelinhas de ambos esses trabalhos, o amor e o respeito pela trajetória de seus pais.

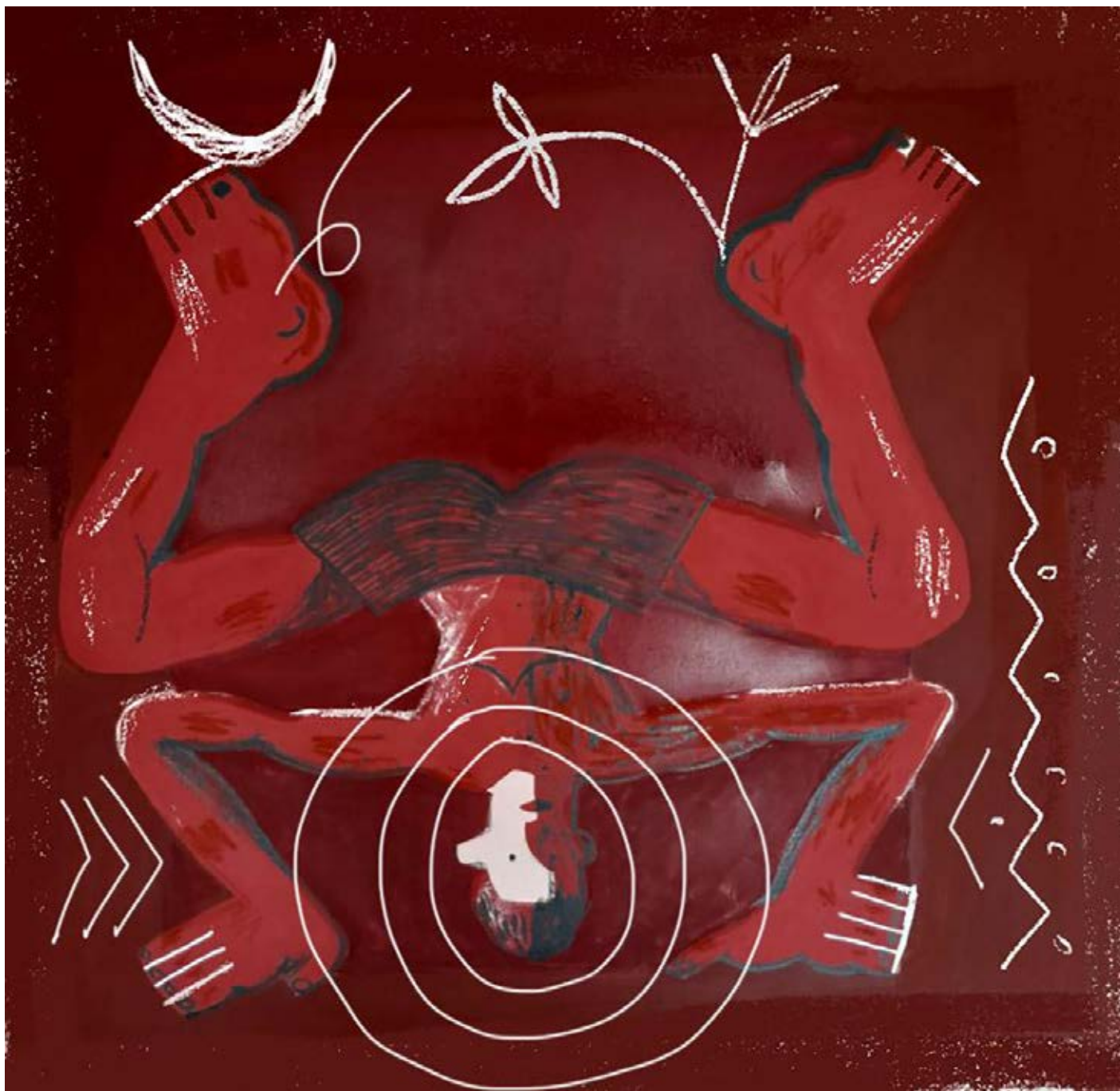
Gabi Bresola
*Gosto de Deleuze, mas prefiro
meu pai*, 2019
texto e áudio
8'23"

gustavo caboco

O trabalho de Gustavo Caboco tem lidado frequentemente com o seu aprendizado sobre os Wapichana, povo indígena que vive na comunidade Canaúanim, em Cantá, Roraima, onde sua mãe nasceu. Nascido e criado em Curitiba, o artista tem aprendido com seus parentes e ressignificado a sua própria identidade enquanto pessoa e artista. Por meio do desenho e da pintura, ele propõe imagens onde o corpo humano é torcido, fragmentado e transformado em diversos outros elementos. Essas narrativas são permeadas de transformação e tendem a convidar o público a também refletir sobre suas próprias ancestralidades. Isso é trazido tanto no título da série de desenhos aqui mostrados – *Onde estão os ossos dos seus parentes?* –, quanto também na ação das pinturas presentes na exposição: corpos que estão a “plantar bananeira”, ou seja, a ficar de cabeça para baixo sempre conectados com o chão, com suas raízes.

Gustavo Caboco
coração de bananeira, da série
bananeiras, 2020
tinta acrílica sobre tela
70 x 80 cm





Gustavo Caboco
pé de bananeira,
da série *bananeiras*, 2021
tinta acrílica sobre tela
80 x 80 cm



Gustavo Caboco
Pedra Sobre Movimento, da série
bananeiras, 2019
tinta acrílica sobre tela
80 x 80 cm



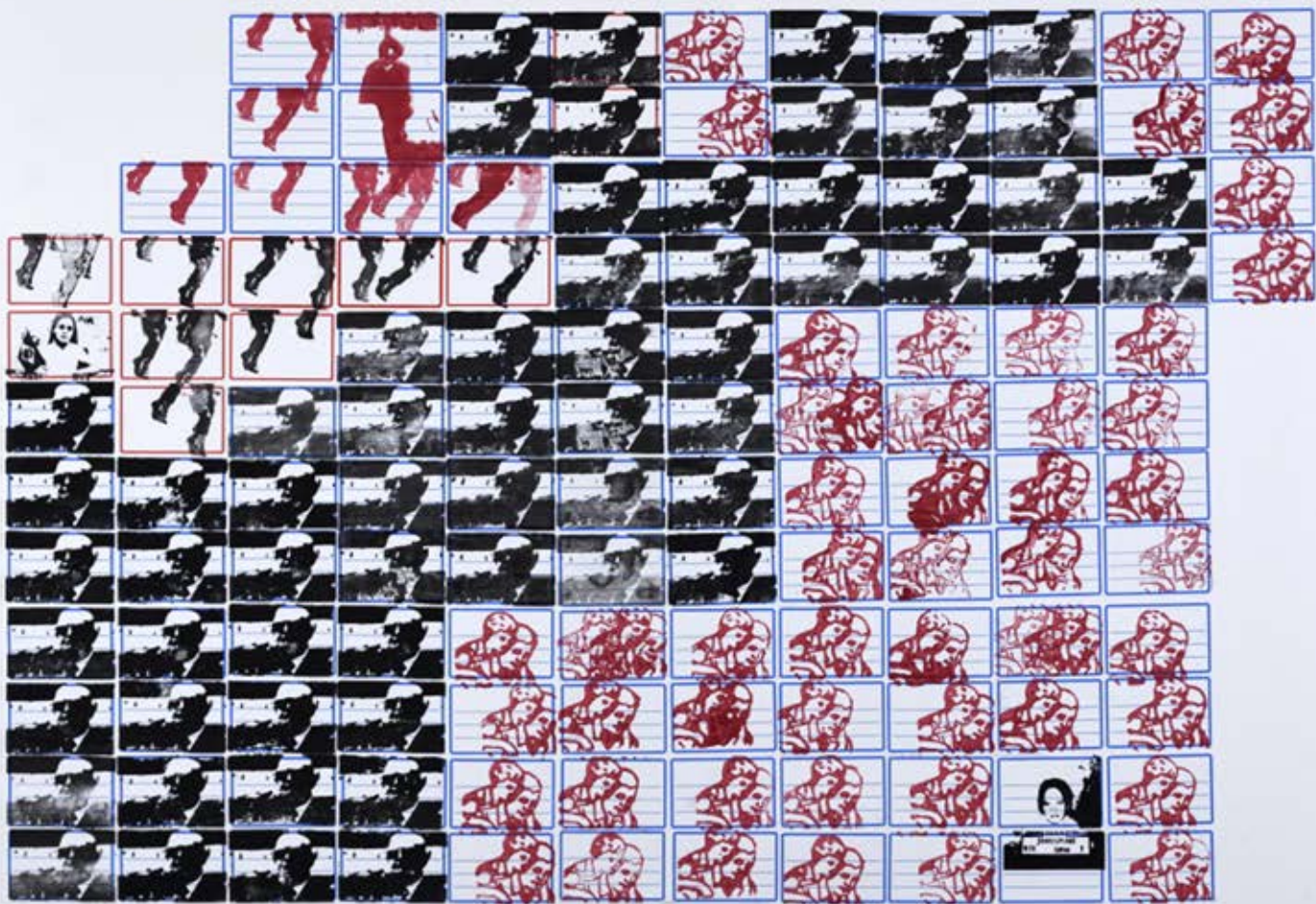
Gustavo Caboco
Série "onde estão os ossos
dos seus parentes?", 2020
caneta branca sobre papel
10 peças de 29,7 x 21 cm

leila danziger

Com uma pesquisa que estende pelas últimas três décadas, os trabalhos recentes de Leila Danziger giram em torno de arquivos, bibliotecas e imagens geralmente coletadas dentro da esfera de sua família e seu processo de imigração da Alemanha para o Brasil no começo do século XX. Sua mãe trabalhou como professora durante toda a sua vida e, ao encontrar um álbum de sua formatura como professora, a artista criou uma série de trabalhos chamado *Pesquisa escolar*. Usando etiquetas facilmente encontradas em papelarias, o trabalho se apresenta como uma espécie de atlas tanto de pessoas que são essenciais para a educação, mas muitas vezes eclipsadas – como Martin Luther King, Carolina Maria de Jesus e Beyoncé –, quanto de pessoas execráveis, mas presentes especialmente na educação primária da artista – como as figuras relacionadas à ditadura militar no Brasil.



Leila Danziger
Minha mãe, da série
pesquisa escolar, 2021
carimbo (tinta gráfica)
sobre etiqueta e cartão
76 × 102 cm



Leila Danziger
Escola Shakespeare # 1,
da série *pesquisa escolar*, 2020
carimbo (tinta gráfica)
sobre etiqueta e cartão
76 x 102 cm

randolpho lamonier e victor galvão

A pesquisa de Randolpho Lamonier geralmente se usa de elementos tidos como baratos e/ou mesmo reaproveitados como pedaços de tecido e objetos de plástico. Por meio da costura, o artista vai criando “panos” onde oferece ao público narrativas que tanto podem se colocar de forma profética quanto ao futuro, quanto também pensar suas vivências na cidade industrial de Contagem, em Minas Gerais. Nos trabalhos a serem apresentados, o olhar do artista se apresenta de forma mais abstrata, com um trabalho em tecido ocupado por diversos objetos geralmente vistos como baratos. Fazendo um par com esse objeto, há um vídeo feito em parceria com Victor Galvão onde ambos se colocam ansiosos perante o futuro e criam uma narrativa majoritariamente feita com animação stop motion.



Randolpho Lamonier e Victor Galvão
Doom, 2021
vídeo, full HD, cor, som estéreo
edição de 8
4'55"



Randolpho Lamonier
*Sob escombros do tempo - Prólogo
para uma Tragédia em dois atos,*
2021 [frente]
pintura, costura e objetos sobre
tecido e plástico
300 x 200 x 30 cm



Randolpho Lamonier
*Sob escombros do tempo - Prólogo
para uma Tragédia em dois atos,*
2021 [verso]
pintura, costura e objetos sobre
tecido e plástico
300 x 200 x 30 cm

andré griffo

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas.



André Griffo
*Instruções para administração
de fazendas 3, 2021*
acrílica e óleo sobre tela
177 x 223 x 4 cm



andréa hygino

Com uma pesquisa voltada para a gravura, Andréa Hygino realizou uma série de trabalhos que pensam não apenas a sua relação com a educação, mas também a de sua mãe. Ambas são professoras e, durante a sua vida, a artista sempre prestou atenção na mesa e cadeiras utilizados pela mãe para dar classes particulares em casa. Nasceram, portanto, trabalhos que encaram suas bases de madeira como matrizes de xilogravura; suas muitas camadas do tempo são transpostas para o papel. Dialogando com essa série de trabalhos, em outra de suas obras a artista transporta a mesa que sua mãe utiliza há décadas para o espaço expositivo – um pequeno monumento à educação, ao ensino e à oralidade das trocas entre professores e alunos.



Andréa Hygino
Estudo sobre a mesa, 2015
apropriação de mesa escolar
78 x 221 x 41 cm



Andréa Hygino
P.E. Pedro Thucca Mary, da série
Prova de Estado (2021), 2019
tinta tipográfica sobre papel japonês
edição de 3 + PA
42 × 60 cm



Andréa Hygino
P.E. Face, da série *Prova de Estado*
(2021), 2019
tinta tipográfica sobre papel japonês
edição de 3 + PA
42 × 60 cm

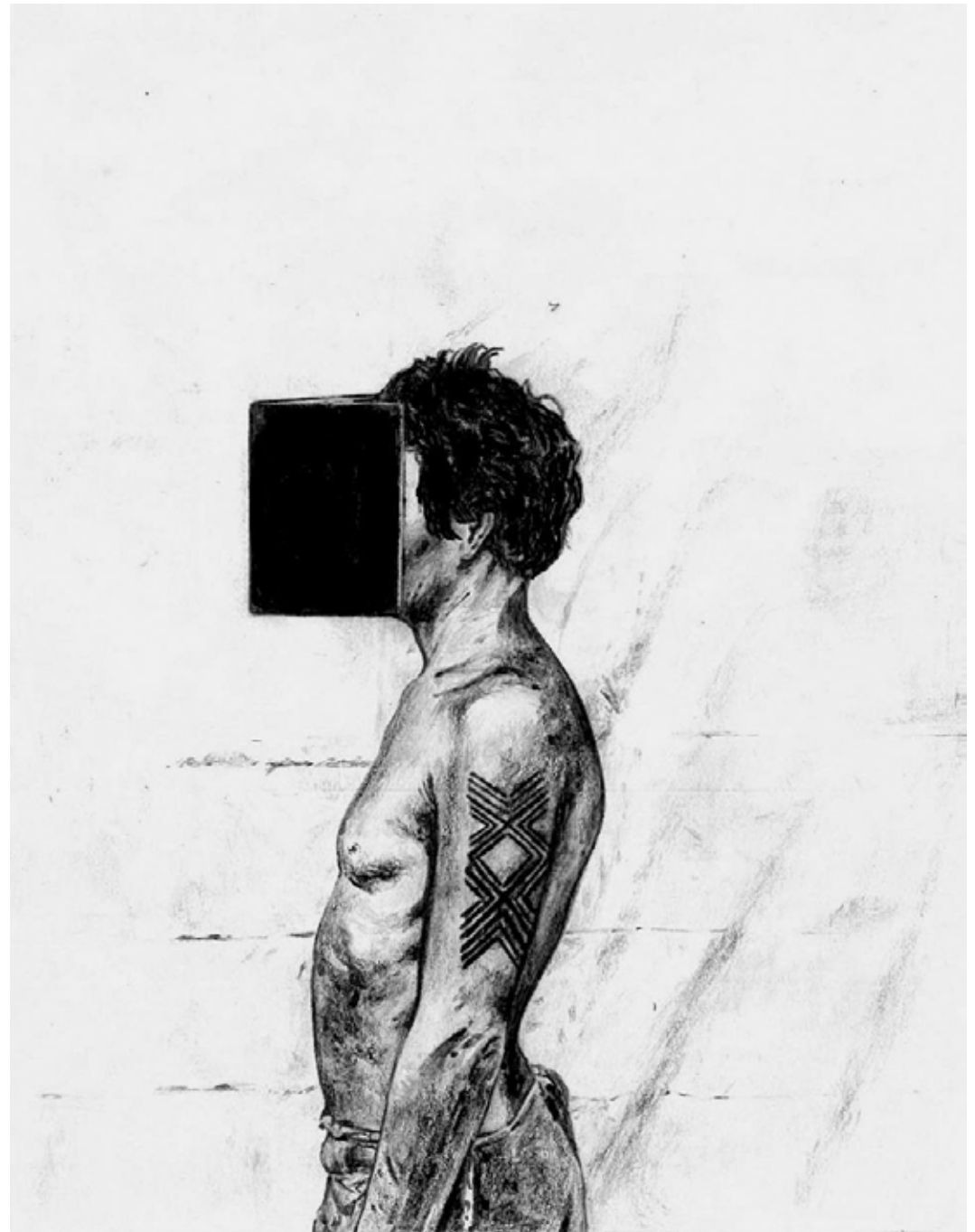


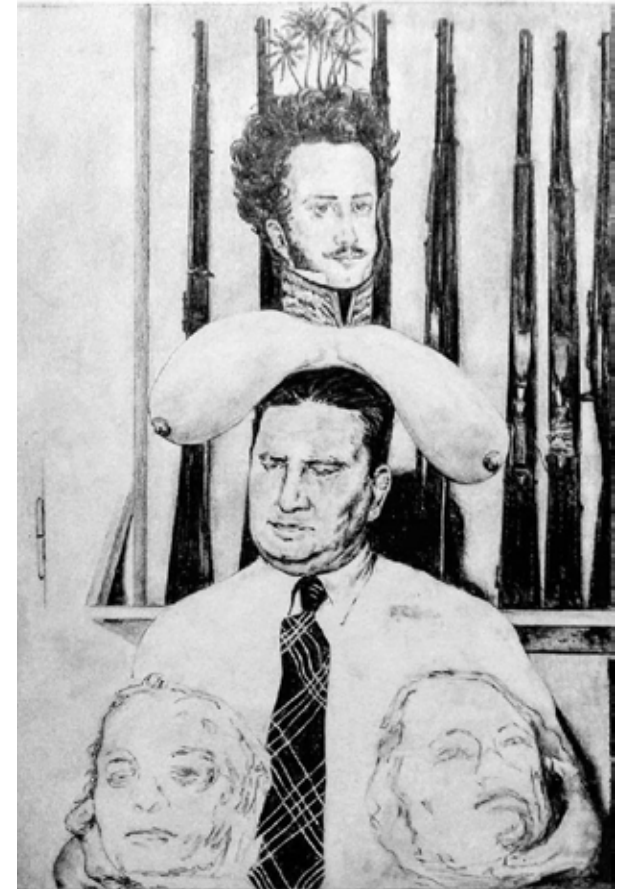
Andréa Hygino
P.E. Grades, da série *Prova de Estado* (2021), 2019
tinta tipográfica sobre papel japonês
edição de 3 + PA
42 × 60 cm

filipe lippe

Filipe Lippe é um colecionador de fotografias que tem um caráter histórico: guerras, imagens de políticos, encontros de estado, tomadas de posse, discursos públicos; atenção é dada a diversos tipos de registros. Junto a isso, há um interesse do artista também pelas imagens que registram pessoas tidas como anônimas – sua família, negros escravizados durante o século XIX no Brasil, fotografias de diferentes povos originários do Brasil. A partir desse arquivo, o artista propõe novas imagens em que, a partir de sua grande capacidade imitativa, são propostas pequenas intervenções nas composições que pervertem o desejo documental inicial das fotografias. Novas histórias são, portanto, escritas, rasuradas e propostas ao público.

Filipe Lippe
Índio evangelista, da série
Weltwehmut, 2020
grafite sobre papel
21 x 14 cm





Filipe Lippe
*Pássaros velhos caem sobre a
mesma grama que nós*, da série
Weltwehmut, 2014
grafite sobre papel
118,9 x 84,1 cm

Filipe Lippe
*Cabeça (Lampião, Maria Bonita,
Dom Pedro I)*, da série *Weltwehmut*,
2021
grafite sobre papel



Filipe Lippe
Witch hunt, da série
Weltwehmut, 2014
grafite sobre capa de livro



adriano machado

As relações entre imagem, memória, família e ficção são alguns elementos que interessam a Adriano Machado. Sua pesquisa se utiliza majoritariamente da fotografia e do vídeo em séries de imagens onde ele convida pessoas de sua família e círculo social mais próximo para posarem e criarem diversas narrativas. No vídeo mostrado na exposição, uma mulher fita a câmera envolta em fumaça. A imagem – assim como diz seu título – é envolta em mistério: onde ela está? O que faz? Quem é ela? Quais outras figuras ela pode representar? A capacidade de criar imagens que convidam o público à interpretação ampla é um dado essencial de sua pesquisa.

Adriano Machado
Fé e Mistério, 2014
vídeo, cor, HD, 16:9
edição de 3 + PA
2'14"

Cortesia do artista e da
Galeria Nara Roesler e
Galeria Kogan Amaro.



no martins

A partir da pintura, No Martins tem produzido nos últimos anos uma série de imagens contundentes que explicitam tanto o racismo estrutural, quanto seu engajamento com a luta antirracista. Em sua nova série chamada *Reuniões políticas*, o artista traz imagens de pessoas negras a conversar e interagir entre si em espaços públicos como praias e grandes metrópoles. O simples ato de estar junto, de conversar e de transmitir conhecimento pela fala perante o olhar público se configura como um encontro com potência política.

No Martins
*Sem título (Série: Reuniões
Políticas)*, 2021
tinta acrílica sobre tela
280 x 200 cm

virginia de medeiros

Na série *Alma de bronze*, Virginia de Medeiros prossegue com sua pesquisa baseada na residência, convívio e troca com pessoas de diferentes grupos sociais, desejos existenciais e formas de se manter vivas. A artista residiu na Ocupação Hotel Cambridge e se tornou parte das lutas lideradas por Carmen Silva Ferreira no Movimento dos Sem-Teto do Centro. Próxima das lideranças feministas da Frente de Luta por Moradia, a artista realizou uma série de retratos das mulheres que são moradoras do Cambridge. O último desses retratos é o mostrado na exposição, onde a grande Carmen protagoniza a imagem com toda sua família ao redor. As expressões das pessoas para a câmera transparecem sua confiança na luta pela moradia e na permanência desse engajamento nas gerações futuras de sua família.

Virginia de Medeiros
Carmen Silva Ferreira, Guerrilheiras,
da série *Alma de Bronze*, 2021
impressão jato de tinta em
Hahnemühle Photo Rag 308
edição de 5 + 2 PA
90 x 60 cm





marta neves

O humor e olhar ácido para o sistema de artes visuais no Brasil são elementos constantes na produção de Marta Neves. Na sua série de trabalhos chamada de *Não-ideias*, a artista encomenda faixas que trazem para o espaço expositivo ou para o espaço público narrativas de fracasso e não execução de ações com nomes de pessoas desconhecidas. Dessa forma, a artista convida o público a imaginar quem são aquelas pessoas, porque suas “ideias” não foram executadas e quais seriam os próximos passos desses personagens em suas vidas. Nessa exposição, seu trabalho será exposto na fachada do edifício, certamente trazendo alguma fricção entre o caráter suburbano/popular da faixa e a própria arquitetura mais austera da galeria e sua presença no bairro Jardim Europa.

Marta Neves
da série *NÃO IDEIA*, 2020
faixa pintada à mão
70 x 500 cm

amador e jr. segurança patrimonial

A performance e sua interseção com a noção de trabalho é o campo central da dupla/empresa Amador e Jr. Segurança Patrimonial. Como o público reage ao perceber que os corpos dos seguranças que resguardam a integridade das obras de arte em uma exposição são os corpos dos próprios artistas? Quanto a seus desenhos, eles reúnem tanto o que já foi realizado, quanto aquilo que está por vir – estas imagens se colocam, portanto, entre o arquivo e o desejo.





Amador e Jr. Segurança Patrimonial
Telhas – croqui, 2019
tinta nanquim sobre papel
21 x 29,7 cm



Amador e Jr. Segurança Patrimonial
Espaços institucionais:
cantos – croqui, 2017
tinta nanquim sobre papel
21 x 29,7 cm

sobre os ombros de gigantes raphael fonseca

*É preciso admitir a falência: não reconheço o passado e não acredito no futuro.
Mas meus pés têm pressa porque errando eu aprendo mais.*

Essas duas frases aparecem no final de *Doom*, vídeo de Randolpho Lamonier e Victor Galvão presente nesta exposição. Sua escrita me chama a atenção pela forma como articulam passado, presente e futuro: não reconhecer o passado não quer dizer ignorá-lo, assim como não acreditar no futuro, não nega que algo está por vir. Na desconfiança entre esses dois extremos, mais vale admitirmos nossa ansiedade e apostar no presente e nos nossos erros.

Sobre os ombros de gigantes apresenta trabalhos de artistas que criam sobreposições dos tempos históricos cristalizados pelo pensamento ocidental; diferentes da citação acima, alguns dos autores aqui reunidos reconhecem facilmente o passado e/ou depositam a sua crença no futuro – o que é semelhante a todos é o fato de que as imagens que criaram flertam com a anacronia; a memória individual e coletiva pode se dar a partir de saltos, recordações e esquecimentos.

A máxima latina "nanos gigantum humeris insidentes", comumente atribuída ao nascimento das catedrais e das universidades na Idade Média, aponta para o fato de que, para aprendermos algo, precisamos nos colocar em diálogo e escuta com o passado e com os "gigantes" que nos rodeiam. Alguns desses artistas trabalham a partir da noção de arquivo, elencando e repensando pessoas presentes na memória coletiva e vistas como ídolos.

Há também aqueles que, uma vez sentados no ombro do gigante, se questionam: até que ponto essa figura deveria ser encarada publicamente enquanto tal? Quando o assunto é o antifascismo, degolar o gigante deve ser uma opção.

Outros dos artistas aqui apresentados lançam seus olhares a protagonistas de narrativas que se dão em uma esfera privada: as narrativas familiares e ancestrais são percebidas como faróis do aprendizado. A educação, a oralidade e a transmissão de conhecimento entre gerações são centrais em muitos trabalhos que valorizam pessoas anônimas do grande público, mas cujos nomes próprios podem ser muito mais importantes do que qualquer referência bibliográfica. Esses gigantes – por vezes superficialmente enxergados como periféricos e subalternizados – são aqueles que efetivamente guiam grande parcela dos artistas da mostra.

Seja pela pintura, pela utilização de imagens de arquivo, pelo vídeo ou pela exploração das relações entre imagem e palavra, lembremos do que a nossa citação inicial dizia: "errando eu aprendo mais"; em outras palavras, a experimentação é o que guia a maneira como cada um desses artistas elege seus gigantes e se senta sobre os seus ombros. Seus percursos nunca estão pré-definidos e suas viagens de diferentes ritmos são mais de escuta do que de verborragia.

Fica o convite, portanto, para que o público possa compartilhar da efeméride que é essa exposição enquanto os artistas fazem pequenas pausas em suas constantes viagens acima do chão e para além dos limites entre ontem, hoje e amanhã.

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

ny@nararoesler.art